

Desvespuciar e descolombizar a América e descabralizar o Brasil

Beatriz Azevedo

UNICAMP — FAPESP — New York University

Resumo: Esse artigo versa sobre a atualidade e algumas linhas de força da *Antropofagia* de Oswald de Andrade no século XXI, em meio ao contexto do centenário da *Semana de Arte Moderna de 1922*, da qual o poeta foi um dos fomentadores, mas também um de seus maiores críticos. Minha leitura sobre a obra de Oswald de Andrade procura exatamente destacar a sua heterodoxia, a justaposição anárquica de referenciais teóricos, ao longo do *Manifesto Antropófago*, enquanto devoração crítica. A pluralidade Oswaldiana parece afirmar que sua visão de mundo é, por natureza, contra qualquer ortodoxia. O artigo aponta ainda a filiação do *Perspectivismo Ameríndio* de Eduardo Viveiros de Castro e Tania Stolze Lima, como um conceito da mesma família política e poética que

a antropofagia de Oswald de Andrade, isto é, como arma de combate contra a sujeição cultural da América Latina aos paradigmas europeus e cristãos.

Palavras-chave: Antropofagia, Oswald de Andrade, Perspectivismo ameríndio, Antropofagia Palimpsesto Selvagem.

Résumé : Cet article porte sur l'actualité et sur certaines lignes de force de l'*Anthropophagie* d'Oswald de Andrade au XXI^e siècle, dans le contexte du centenaire de la *Semaine d'Art Moderne de 1922*, dont le poète fut l'un des promoteurs, mais aussi l'un de ses plus grands critiques. Notre lecture de l'œuvre d'Oswald de Andrade vise précisément à mettre en évidence son hétérodoxie, la juxtaposition anar-

chique de références théoriques tout au long du *Manifesto Antropófago* en tant que dévoration critique. La pluralité oswaldienne semble affirmer que sa vision du monde est, par nature, contre toute orthodoxie. L'article souligne également l'appartenance du *Perspectivisme Amérindien* d'Eduardo Viveiros de Castro et de Tania Stolze Lima, en tant que concept de la même famille politique et poétique que l'*Anthropophagie* d'Oswald de Andrade, c'est-à-dire, en tant qu'arme de combat contre l'assujettissement culturel de l'Amérique Latine aux paradigmes européens et chrétiens.

Mots-clés : Anthropophagie, Oswald de Andrade, Perspectivisme Amérindien, Anthropophagie Palimpseste Sauvage.

Abstract: This article is about some of the force lines of Oswald de Andrade's *Anthropophagy* in the 21st century, in the context of the centennial of the *Modern Art Week of 1922*, of

which the poet was one of the promoters, but also one of its greatest critics. My reading of Oswald de Andrade's work seeks precisely to highlight his heterodoxy, the anarchic juxtaposition of theoretical references, throughout the *Manifesto Antropófago*, as a critical devouring. Oswaldian plurality seems to affirm that his worldview is, by nature, against any orthodoxy. The article also points out the affiliation of the *Amerindian Perspectivism* by Eduardo Viveiros de Castro and Tania Stolze Lima, as a concept of the same political and poetic family as the *Anthropophagy* of Oswald de Andrade, that is, as a combat weapon against the cultural subjection of Latin America to European and Christian paradigms.

Key words: Anthropophagy, Oswald de Andrade, Amerindian Perspectivism, Anthropophagy Wild Palimpsest.

Desejo apontar que se nós brasileiros continuarmos indiferentes e amáveis ante os costumes tanto políticos como domésticos que nos distinguem, veremos confirmar-se o calamitoso diagnóstico de que perdemos nossa Cultura sem chegar a ter uma Civilização¹.

Durante a segunda década do século xx, Oswald de Andrade defendeu a "Poesia de Exportação", no *Manifesto Pau-Brasil* de 1924, e inventou uma filosofia de exportação, no *Manifesto Antropófago* de 1928. A Antropofagia, longe de representar uma continuidade da *Semana de Arte Moderna de 1922*, é antes uma ruptura com a ambiguidade política do Modernismo, que incluiu em suas alas tanto integralistas como comunistas, passando pela elite cafeeira paulista, a oligarquia carioca, conservadores, democratas e fascistas. A *Revista de Antropofagia* de 1928 critica então o Modernismo de 22, chamando-o de saco de gatos, de democracia de bonde da penha, e se diz curada do sarampão modernista:

1. ANDRADE, Oswald de, "Civilização e Dinheiro", conferência no Centro de Debates Casper Líbero, 19 de maio de 1949. O texto foi incluído posteriormente no volume *Telefonema*, São Paulo, Editora Globo, 2009, p. 282.

Não compreendeu o nosso “caso”, não teve coragem de enfrentar os nossos grandes problemas, ficou no acidental, no acessório, limitou-se a uma revolução estética — coisa horrível — quando a sua função era criar no Brasil o pensamento novo brasileiro. Se o índio dos românticos era o índio filho de Maria, o índio dele era o índio major da Guarda Nacional, o índio irmão do Santíssimo. O movimento modernista foi, assim, uma fase de transição, uma simples operação de reconhecimento, e nada mais. Daí a pouca ou nenhuma influência que ele exerceu sobre os espíritos mais fortes da geração. A confusão que trouxe foi tamanha que à sua sombra puderam se acomodar, numa democracia de bonde da Penha, o sr. Sérgio Buarque de Hollanda e o sr. Ronald de Carvalho, o sr. Mário de Andrade e o sr. Graça Aranha, e até o sr. Guilherme de Almeida².

Importante destacar que nesse ano de 2023 completam-se exatamente 100 anos da conferência de Oswald na Sorbonne, intitulada “*L’effort intellectuel du Brésil contemporain*”. A referida conferência foi proferida em 11 de maio e publicada em francês na *Revue de l’Amérique Latine*, volume 5, também em 1923. Nesta conferência, portanto, vemos ainda o “Oswald modernista” que exaltava Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Rui Barbosa, Tristão de Athayde e até Plínio Salgado. Cinco anos mais tarde, em 1928, Oswald tecerá críticas duríssimas a todos, com definições muitas vezes crivadas de humor ferino: é assim que o Graça Aranha exaltado na conferência da Sorbonne em 23 vai virar, na Antropofagia de 1928, o “Aranha sem graça”.

Certamente um escritor polemista, e uma figura polêmica, Oswald de Andrade disparou do século xx suas linhas elétricas e flechas fulminantes. O autor, um dos fomentadores da *Semana de Arte Moderna de 1922*, criou aforismos, fragmentos filosóficos, “poemas-piada”, bordões revolucionários e frases emblemáticas que continuam reverberando até os dias de hoje. Atuando em praticamente todas as frentes literárias, Oswald de Andrade é autor de romances, crônicas, poemas, manifestos, peças teatrais, ensaios, artigos de jornal, teses, conferências, etc. O escritor paulista é também o autor do (possível) menor poema da língua portuguesa: “amor humor”. Amor é o título; humor é o poema. Se “menos é mais”, de mais a mais, de menos a menos, Oswald é também merecedor daquele “Epitáfio” de José Paulo Paes (criado para homenagear Manuel Bandeira, que se dizia um “poeta menor”):

poeta menormenormenormenormenor
menormenormenormenormenorenorme enorme³

Um poeta enorme, no mínimo, um bardo “de orelhada”, com ouvido musical que não é normal, Oswald de Andrade intuiu e entoou que “a gente escreve o que ouve — nunca o que houve⁴”. Em seu *Manifesto Pau Brasil* (1924), alertava para a “contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos⁵”, mais uma vez destacando sua capacidade de escuta e conexão com a dimensão oral e múltipla da cultura brasileira.

2. TAMANDARÉ (pseudônimo de Oswald de Costa), “Moquém II — Hors d’œuvre”, *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, nº 5, 14 abril de 1929, p. 6.

3. PAES, José Paulo, “Epitáfio”, in *Um por todos: poesia reunida*, São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 38.

4. ANDRADE, Oswald de, *Estética e política*, Organização, introdução e notas de Maria Eugenia Boaventura, 2ª ed., revista e ampliada, São Paulo, Globo, 2011, p. 62.

5. *Id.*, “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de março de 1924, s. p.

Como bem observou Michel Riaudel, “o texto de Oswald de Andrade não mostra um outro com o qual ou contra o qual se defrontar, mas vários outros⁶”. Para além da busca da alteridade — “só me interessa o que não é meu” — a perspectiva das multiplicidades possíveis. A Antropofagia Oswaldiana é uma invenção poética libertária livremente inspirada nos rituais antropófagos dos Tupinambá. Também por isso, dei o título de “palimpsesto selvagem” ao meu livro sobre o *Manifesto Antropófago*, entendendo que o “pensamento selvagem” não é o pensamento dos “selvagens” ou dos “primitivos” (em oposição ao “pensamento ocidental”), mas “o pensamento em estado selvagem, isto é, o pensamento humano em seu livre exercício, um exercício ainda não-domesticado em vista da obtenção de um rendimento⁷”, como resumiu Eduardo Viveiros de Castro em entrevista de 2009.

O autor brasileiro Oswald nunca teve, evidentemente, o “lugar de fala” dos povos originários, mas ele escrevia a favor da perspectiva indígena, fazendo ecoar em seu texto as vozes soterradas ao longo da colonização. Em sua última comunicação em vida, anotada no *Livro da Convalescença*, Oswald deixa seu testamento e pedido derradeiro:

Adotei de há muito um completo ceticismo em face da civilização ocidental que nos domou. Acredito que ela está nos seus últimos dias, vindo à tona a concepção oposta — a do homem primitivo que o Brasil podia adotar como filosofia. O Ocidente nos mandou com o messianismo todas as ilusões que escravizam. Montaigne, no seu grande capítulo dos *Essais*, onde exalta les canibales [sic], foi o primeiro que viu o caminho novo — o dado pela revolta e pelo estoicismo do índio⁸.

A Antropofagia almeja, portanto, a descolonização do pensamento, a transformação permanente do tabu em totem, através da carnavalização da história e de uma insurreição cosmo-política, “a favor da natureza a céu aberto”, como veremos a seguir.

Oswald já sabia o que, ainda hoje no século XXI, é fundamental para o Brasil: “A floresta e a escola”. É trágico constatar que, um século depois, a floresta foi destruída — e ainda não se completou a escola. Oswald, no entanto, é um poeta que fez escola com suas florestas de palavras, com o seu célebre “Tupi, or not tupi, that is the question⁹”. Neste aforismo do *Manifesto Antropófago* de 1928, Oswald de Andrade aglutina em poucos caracteres — em apenas 8 palavras — uma impressionante densidade de informações e (re)significações. O autor devora Hamlet e Shakespeare, referenciais da cultura ocidental, e os ameríndios Tupinambá, marcadores da resistência durante a colonização.

Aludindo à fala da personagem Hamlet, “to be or not to be, that is the question”, que remete à crise do Patriarcado, Oswald substitui a angústia metafísica do príncipe Hamlet, de origem patriarcal, por uma formulação antropofágica, de viés matriarcal, encarnada no sentido não cristão de vingança entre os Tupinambá. A Antropofagia é parte essencial do complexo social da vingança

6. RIAUDEL, Michel, “Faut-il avoir peur de l’anthropophagie?”, *Papiers, revue en ligne du Collège International de Philosophie*, Colloque: «Brésil/Europe: repenser le Mouvement Anthropophagique», n° 60, sept. 2008, p. 80.

7. CASTRO, Eduardo Viveiros, “Entrevista”, *ComCiência*, Campinas, n° 108, 2009, s. p.

8. ANDRADE, Oswald de, *Livro da Convalescença*, Caderno manuscrito, Acervo Oswald de Andrade, CEDAE, UNICAMP.

9. *Id.* “Manifesto Antropófago”, *op. cit.*, s. p.

entre os Tupi, e, portanto, na tradução filosófica de Oswald, a questão não é mais “ser ou não ser”, mas sim “Tupi, or not Tupi”.

Entre tantas outras, destaco esta máxima de Oswald, por sua habilidade ao parodiar a construção de Shakespeare em sentença tão curta, lançando mão apenas de um termo da “Língua Geral” (Tupi), misturado a outros extraídos do Inglês (*or, not*), criando uma frase sem dispor de palavras da língua portuguesa — curiosamente, o poeta brasileiro não a incluiu no seu “Tupi, or not Tupi, that is the question”.

A utopia de Oswald de Andrade pretende vencer o messianismo patriarcal herdado da colonização e da catequização, com seu matriarcado de Pindorama utópico, ao mesmo tempo primitivo e ultramoderno.

A exemplo do *Manifesto Antropófago*, a utilização da polifonia de autores, e a partir desta, a multiplicação de pseudônimos, revela a eleição da pluralidade como linha de atuação crítica. Oswald de Andrade não apenas cita Marx, Freud e Nietzsche. O mais importante é que ele cria um Freud Nietzscheano, um Marx Freudiano, um Nietzsche Oswaldiano. A paródia e a mistura de elementos díspares numa mesma imagem foram suas estratégias preferidas contra as ortodoxias.

Assim, Oswald começa saudando “Viva Freud e nosso Padrinho Padre Cícero!¹⁰” e acaba assinando seus artigos na *Revista de Antropofagia* como Freuderico (amálgama de Freud e Friedrich) ou Marxilar (amálgama de Marx com a função mandibular dos antropófagos). Ao mesclar Anchieta e Guaracy, Padre Vieira e Jacy, Oswald está propondo uma transgressão, uma reflexão sobre as hierarquias entre o que seria “pré-lógico” e “lógico”, entre o que é considerado “selvagem” ou “civilizado”.

Confrontando o materialismo Marxista com a psicanálise Freudiana, as visões do “selvagem” a partir da ótica de Rousseau ou de Montaigne, as ideias antropológicas de Levy-Bruhl e as filosofias tecnológicas de Keyserling, Oswald construiu o seu próprio ponto de vista crítico. Assim, do ponto de vista de Oswald, “Freud é apenas o outro lado do catolicismo. Como Marx é o outro lado do capitalismo¹¹”.

Minha leitura da obra de Oswald de Andrade procura exatamente destacar a sua heterodoxia, a justaposição anárquica de referenciais teóricos, ao longo do *Manifesto Antropófago*, enquanto devoração crítica. A pluralidade Oswaldiana parece afirmar que sua visão de mundo é, por natureza, contra qualquer ortodoxia.

Para Oswald “O homem europeu falou demais. Mas a sua última palavra foi dita pelo príncipe Hamlet, que Kierkegaard repetiu em Elsenor. [...] É preciso ouvir o homem nu¹²”. No texto “Mensagem ao antropófago desconhecido (Da França Antártica)”, Oswald menciona “a última palavra dita pelo príncipe Hamlet¹³”.

Como sabemos, a fala da referida peça de Shakespeare, escrita no século XVI, é exatamente “e o resto é silêncio”. Ela é pronunciada por um Hamlet à beira da morte. Oswald afirma que o civilizado, moribundo, já monopolizou demais a palavra, e que sua última fala — o resto é silêncio — seria a deixa teatral para passar a palavra ao homem nu.

10. *Id.* *Revista de Antropofagia*, 15º número da 2ª denteção, *Diário de S. Paulo*, 1º de agosto de 1929, p. 10.

11. *Id.* “A Psicologia Antropofágica” (1929), in *Os dentes do dragão* (título atribuído pela organizadora Maria Eugênia Boaventura), São Paulo, Editora Globo, 1990, p. 51.

12. *Id.*, “Mensagem ao Antropófago Desconhecido (Da França Antártica)”, in *Estética e política*, São Paulo, Globo, 1991, p. 285. Originalmente publicado em *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, nº 67, nov. 1946.

13. *Ibid.* Originalmente publicado na *Revista Acadêmica*, nº 67, Rio de Janeiro, nov. 1946.

No século XXI, assistimos a um saudável momento histórico em que ameríndios estão falando por si mesmos, e finalmente são publicados textos fundamentais como o livro *A Queda do Céu*, do xamã Davi Kopenawa¹⁴, que se tornam obras conhecidas pelo público, editadas por editoras com boa circulação. Muitos filmes estão sendo preparados com a visão ameríndia dirigindo o olhar da câmera, em projetos como “vídeos nas aldeias¹⁵”.

Ou seja, ao menos o pensamento ameríndio tem circulado mais. O “homem nu” está falando, a mulher ameríndia está escrevendo, publicando, filmando. Não podemos afirmar, no entanto, que o “homem nu” está efetivamente sendo ouvido, como desejou Oswald de Andrade no século passado. Nesse sentido, é importante ressaltar, no momento de celebração e crítica dos 100 anos da *Semana de Arte Moderna de 1922*, a trajetória transgressora e utópica do escritor antropófago que vislumbrou outras possibilidades e devires para um país que ele queria mais Pindorâmico e Quilombola, e menos Brasil estado-nação. Digamos que ele deu impulso pioneiro e vital a questionamentos, processos e rotas de fuga, que continuam em movimento. Como afirmou Viveiros de Castro no prefácio a meu livro *Antropofagia Palimpsesto Selvagem*, o Manifesto Antropófago é “«decolonial» muito *avant la lettre*¹⁶”.

Abaporu, antropófago, homem nu, o poeta brasileiro abalou a sociedade dos anos 20 com seus hábitos liberais, que iriam impregnar de originalidade a sua obra antropofágica — “Oswald escandalizava pelo fato de existir, como se andando pela rua Barão de Itapetininga ele pusesse em risco a normalidade dos negócios ou o decoro do finado chá-das-cinco¹⁷”, lembra seu contemporâneo Antonio Candido.

Aos 20 anos, Oswald de Andrade presenciou no Rio de Janeiro a revolta dos marinheiros liderada por João Cândido em 1910, e escreveu: “buscavam a extinção do regime primitivo da chibata”. Adormeceu no banco da praça sozinho no Rio de Janeiro e, ao acordar, às 4 da manhã, descreve: “reconheci o encouraçado Minas Gerais, seguiam-no o São Paulo e mais outro. E todos ostentavam, numa verga de mastro dianteiro, uma pequenina bandeira triangular vermelha”. Ao despertar, o escritor vai constatar, poeticamente: “Eu estava diante da revolução. Seria toda revolução uma aurora?¹⁸”.

Na década seguinte, Oswald associa outro ato eminentemente político ao evento cultural de que participou, como um dos motores de realização: “Nunca se poderá desligar a Semana de Arte, que se produziu em fevereiro, do levante do Forte de Copacabana que se verificou em julho, do mesmo ano. Ambos os acontecimentos iriam marcar a maioria do Brasil¹⁹”.

Além das ações em grupo, Oswald de Andrade, pessoalmente, corporificava uma vida plena de radicalismos e muitas contradições. Polêmico *enfant terrible* da burguesia paulistana, o

14. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce, *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

15. Ver BRASIL, André, “Ver por meio do invisível: o cinema como tradução xamânica”, *Novos Estudos CEBRAP*, v. 35, 03, nov. 2016, p. 125-146.

16. CASTRO, Eduardo Viveiros de, “Prefácio”, in AZEVEDO, Beatriz, *Antropofagia Palimpsesto Selvagem*, São Paulo, Cosac Naify, 2016, p. 14.

17. CANDIDO, Antonio, “Digressão Sentimental sobre Oswald de Andrade”, in *Vários Escritos*, São Paulo, Duas Cidades, 1970, p. 74.

18. ANDRADE, Oswald de, *Um Homem sem Profissão*, 1ª edição, São Paulo, José Olympio Editora, 1954, p. 51.

19. *Id.*, “O Caminho Percorrido”, conferência proferida em Belo Horizonte em 1944, in *Ponta de Lança*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1971, p. 94.

escritor teve como padrinho o próprio presidente da República, Washington Luís, quando se casou com a pintora Tarsila do Amaral. Oswald foi herdeiro de toda a região da Avenida Paulista e de grande parte do bairro Cerqueira César em São Paulo, mas nas décadas de ativista comunista, o escritor, fugindo da polícia, se abrigava “de favor” no barraco de um motorista de táxi.

Oswald conseguiu a proeza de desagradar a todos os lados: foi expulso tanto da Aristocracia Rural Paulista — propôs no Congresso da Lavoura que os latifundiários dividissem os lucros da terra — como também foi defenestrado do Partido Comunista. De todo modo, com todas as suas contradições, ele procurou participar ativamente das transformações sociais de seu tempo. Ou, como ele mesmo resumiu mais tarde, “toda gente sabe que sou da turma do Camões. Da participação! Só o escritor interessado pode interessar²⁰”.

O autor incluiu várias contradições pessoais, e também as dicotomias e complexidades da história do Brasil, nas frases curtas e emblemáticas de seu *Manifesto Antropófago*. Uma das mais pertinentes é exatamente “a nossa independência ainda não foi proclamada²¹”. Grifo nesse aforismo o advérbio ainda, como marcador de uma crítica simultânea ao passado e ao presente, e sobretudo como uma provocação da necessária urgência de transformação, visando o futuro.

Em entrevista a Milton Carneiro, Oswald afirmou, corroborando essa ideia:

— Precisamos, menino, desvespuciar e descolombizar a América e descabralizar o Brasil (a grande data dos antropófagos: 11 de outubro, isto é, último dia de América sem Colombo). Os índios eram sereníssimos, absolutamente ametafísicos. Não sofriam de psicose como todos nós sofremos hoje.

Interrompi-o para perguntar por que não sofriam. E ele respondeu prontamente:

— Não sofriam porque pensavam a favor da natureza a céu aberto, em ambiente ilimitado, sem os entraves e as limitações que nossa civilização turbilhonante, hertziana, ultravioleta proporciona ao pensamento comprimido do brasileiro da atualidade²².

Nessa entrevista de 1950, até parece que Oswald de Andrade estava antevendo o Antropoceno, o desenvolvimentismo capitalista neoliberal e destrutivo do século XXI, e as novas cruzadas ortodoxas, pela moral, bons costumes, religião, e outras pautas da direita ultra conservadora, que despontam ao redor do mundo e no Brasil, onde assistimos nos últimos anos a eleições que revelaram exatamente “os entraves e as limitações” do “pensamento comprimido do brasileiro da atualidade”...

Ao contrário disso, enquanto proposição eminentemente plural e heterodoxa, a Antropofagia de Oswald de Andrade ecoa aquela máxima que muito bem o define: “todas as religiões, mas nenhuma igreja²³”. Sem papas na língua, o poeta esteve sempre em movimento, e propôs a noção

20. *Id.* “Entrevista concedida a Marcelo Tavares”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17/04/1944, in *Os dentes do dragão*, *op. cit.*, p. 87.

21. *Id.* “Manifesto Antropófago”, *op. cit.*, s. p.

22. *Id.* “Entrevista a Milton Carneiro”, *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 10-09-1950, in *Os dentes do dragão*, *op. cit.*, p. 182.

23. “«Todas as religiões, mas nenhuma igreja. E, sobretudo, muita feitiçaria». Japy-Mirim, Piratininga, ano 375 da deglutição do bispo Sardinha”, *Revista de Antropofagia*, 2º número, encarte no *Diário de S. Paulo*, Domingo, 24 de março de 1929, p. 1.

de que a cultura antropofágica é processo de reinvenção infinita. Lutando por sua liberdade de ir e devir, a Antropofagia permanece potente, porque pode mudar. Como afirma Gilles Deleuze, “os processos são os devires, e estes não se julgam pelo resultado que os findaria, mas pela qualidade de seus cursos e pela potência de sua continuação²⁴”. A Antropofagia segue potente, devorando, sendo devorada, devorando-se em pleno século XXI.

Segundo o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, criador do Perspectivismo Ameríndio ao lado de Tania Stolze Lima, a antropofagia Oswaldiana está na matriz dessa teoria:

[...] vejo o perspectivismo como um conceito da mesma família política e poética que a antropofagia de Oswald de Andrade, isto é, como uma arma de combate contra a sujeição cultural da América Latina, índios e não-índios confundidos, aos paradigmas europeus e cristãos. O perspectivismo é a retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos²⁵.

O índice do perspectivismo ameríndio, e sua crescente influência intelectual, reafirmam que as contribuições de Oswald de Andrade permanecem vitais para o mundo contemporâneo. Seus questionamentos abalam “o pensamento comprimido do brasileiro da atualidade”. O autor já defendia, no século passado, que escutássemos os indígenas, os povos originários, pois eles não sofrem “de psicose como todos nós sofremos hoje”. O poeta queria “ouvir o homem nu” — o resto é silêncio.

No momento atual, esse “silêncio” é a morte dos ameríndios em seus territórios ainda não reconhecidos, não demarcados, desrespeitados pelos governos que se sucedem no poder, onde indígenas são assassinados por ruralistas e garimpeiros que querem a terra para exploração e lucro, resultando na sofrida onda de suicídios dos Guarani-Kaiowá, no genocídio²⁶ dos Yanomami, e muitas formas trágicas de silêncio e de destruição da natureza.

No Brasil do século XXI, infelizmente, “a massa” ainda não comeu “o biscoito fino” que Oswald fabricou. Se conseguimos tirar — com eleições democráticas — um fascista do poder, em pleno centenário da *Semana de Arte Moderna de 22*, por outro lado registrou-se que metade da população ainda apoiava discursos e práticas retrógradas. Nesse contexto complexo e distópico, a pergunta de Oswald de Andrade continua ecoando, retumbante: “será esse o brasileiro do século XXI?²⁷”.

24. DELEUZE, Gilles, *Conversações*, tradução de Peter Pál Pelbart, São Paulo, Editora 34, 1992, p. 183.

25. BELAUNDE, Luisa Elvira, “Entrevista con Eduardo Viveiros de Castro”, *Amazonía Peruana*, Centro Amazónico De Antropología y Aplicación Práctica, Tomo XV, nº 30, 14 dez. 2007, p. 51-58.

26. Há muito tempo uso esta expressão condensada, grafada com as duas palavras em uma só.

27. “Quanto à glótica de João Miramar, à parte alguns lamentáveis abusos, eu a aprovo sem, contudo, adotá-la nem aconselhá-la. Será esse o Brasileiro do Século XXI? Foi como ele a justificou, ante minhas reticências críticas.” MACHADO PENUMBRA, “À guisa de prefácio”, in ANDRADE, Oswald de, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, São Paulo, Ed. Globo, 14ª edição, 1990 [1924], p. 32.